

ARTIGO

HARRIET MARTINEAU (1802-1876):

O PÚBLICO E O PRIVADO NA OBRA DA PRIMEIRA ECONOMISTA FEMINISTA DA HISTÓRIA

BRENA PAULA MAGNO FERNANDEZ

Professora Associada do Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doc (Universidade do Porto). Doutora em Ciências Humanas (UFSC). Coordenadora do Núcleo de Estudos em Economia Feminista (NEEF/UFSC/CNPq). <https://neef.paginas.ufsc.br/>
Email: brena.fernandez@ufsc.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3126-4821>

RESUMO: O “público” e o “privado” têm sido vistos tanto na história quanto na filosofia como categorias de relacionamento centrais no pensamento ocidental moderno. Muito frequentemente são apresentados como termos antitéticos, hierárquicos e mutuamente excludentes. A crítica feminista realça o caráter figurativo ou metafórico destas categorias mostrando que elas se desdobram também em dualismos de gênero. O propósito do presente artigo é colocar em evidência o pioneirismo da obra de Harriet Martineau (1802-1876) no que toca a dissolução das fronteiras do assim chamado “paradigma das duas esferas”, ao antecipar muitas das críticas que as economistas feministas viriam a fazer apenas a partir da década de 1990.

PALAVRAS-CHAVE: Público e Privado; Mulheres na História; Mulheres na História do Pensamento Econômico; Economia Feminista; Harriet Martineau

HARRIET MARTINEAU (1802-1876):

PUBLIC AND PRIVATE IN THE WORK OF HISTORY'S FIRST FEMINIST ECONOMIST

ABSTRACT: "Public" and "private" have been seen in both history and philosophy as central relationship categories in modern Western thought. Too often they are presented as antithetical, hierarchical, and mutually exclusive terms. Feminist criticism highlights the figurative or metaphorical character of these categories by showing that they also unfold in gender dualisms. The purpose of this article is to highlight the pioneering work of Harriet Martineau (1802-1876) in dissolving the boundaries of the so-called "two spheres paradigm", anticipating many of the criticisms that feminist economists would come to make only after the 1990s.

KEYWORDS: Public and Private; Women in History; Women in the History of Economic Thought; Feminist Economics; Harriet Martineau

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p59-79>

Recebido em: 11/05/2023

Aprovado em: 03/08/2023



1. Introdução

As divisões entre público e privado, o mundo e a casa, o trabalho e a vida particular, tanto na história quanto na filosofia têm sido vistas como parte central da cultura ocidental moderna pelo menos desde o século XVII. A rigor, no entanto, em alguns aspectos essa dicotomia teve a sua origem ainda na Antiguidade, com o pensamento grego clássico, onde a “pólis” (cidade) era considerada a esfera pública enquanto a “oikos” (casa) era a esfera privada (Humphreys, 1993; Okin, 2008).

Desde então, ao longo dos séculos, o “público” e o “privado” têm sido frequentemente apresentados como categorias de relacionamento opostas e mutuamente excludentes, sendo a esfera pública associada à política, à economia e ao governo, e a esfera privada à família e ao lar. Essa divisão acentuou-se com a Revolução Industrial, com a separação entre o trabalho remunerado no mercado (esfera pública) e o trabalho doméstico não remunerado (esfera privada). Esse dualismo tem aparecido repetidamente em diversas formulações, em diferentes períodos e distintos grupos sociais. De fato, segundo a historiadora feminista norte-americana Joan Scott (1989, p. 64-65):

A mulher está para o homem assim como o úmido está para o seco, o débil para o forte, a paixão para a razão, a superstição para a ciência, o mal para o bem, a falta de desejo para a sexualidade, a natureza para a cultura, a casa para o trabalho, o passivo para o ativo, a reprodução para a produção, o espiritual para o material, o doméstico para o público, o dependente para o independente, a comunidade para o indivíduo, a impotência para o poderoso.

Tal formulação conota inevitavelmente uma hierarquia; uma condição sendo avaliada mais positivamente do que a outra. Além disso, estabelece limites, proporcionando oportunidades para uns e constrangimentos para outros. São categorias estratificadas e se desdobram em outras alegorias/metáforas, igualmente relacionadas, dualistas, hierárquicas e antitéticas, tais como cultura/natureza, razão/emoção, exterior/interior, masculino/feminino, ou homem/mulher (Davidoff, 2003).

As/os teóricas/os feministas ressaltam que a divisão entre o mundo público e o espaço privado carrega também outra camada de significados

que vincula tudo aquilo que é socialmente reputado como pertencente ao universo masculino à esfera pública, e tudo aquilo que remete ao âmbito privado, ao feminino. Ou seja, o paradigma das “esferas separadas” estaria também fortemente vinculado à estratificação de gênero na história do pensamento ocidental (England, 1993).

De acordo com a análise de Pateman (1989, p. 55), a crítica feminista à dicotomia entre público e privado “é central para quase dois séculos de escrita e de luta política feminista; é, em última análise, o objetivo do movimento feminista”. Existe ainda muita discussão acerca dos significados e interpretações que podem ser atribuídos a cada uma das esferas, tendo em vista que a definição do que é privado e do que é público é decisiva para a distribuição do poder e dos recursos na sociedade. Em que pese esse fato, nos debates feministas existem pelo menos duas linhas de críticas que podem ser considerados como fundamentos comuns.

Por um lado, como se acabou de referir, *a própria dicotomia* é criticada por implicar uma ordem binária hierárquica de gênero centrada na identificação da mulher e do feminino com a esfera privada, “o mundo da casa” – que reforça o papel da mulher como dona-de-casa, mãe, cuidadora, distribuidora de afetos e uma esposa amável para o seu marido: o chamado “mito da domesticidade” – e a sua sujeição no domínio público. Por outro lado, critica-se *a própria existência separada das duas esferas*, com base na concepção segundo a qual é impossível a existência do domínio público separado do privado (Bragetz, 2009; Pateman, 1989). Provavelmente, esta crítica foi mais claramente formulada na afirmação que veio a se tornar o lema da segunda onda do movimento feminista: “o pessoal é político”. Exploraremos ambos os lados da questão.

O propósito deste artigo é colocar em evidência o pioneirismo da obra da intelectual, pensadora, divulgadora científica, economista e socióloga Harriet Martineau (1802-1876), assinalando que ela antecipou muitas das críticas que a economia feminista viria a fazer apenas em fins do século XX, em especial no que toca a questão central do artigo: a contribuição de seus escritos para a dissolução das fronteiras entre o público e o privado.

A fim de atingir os nossos propósitos, nos apoiamos tanto na bibliografia primária da própria Martineau quanto na literatura secundária dos comentadores de sua obra, além de alguns textos da literatura basilar da

área da economia feminista e da história das mulheres. O artigo foi dividido em cinco seções, contando com essa introdução. A seção 2 é dedicada, num primeiro momento, a fazer uma análise e discussão das duas principais críticas de gênero envolvidas no debate do público *versus* privado, acima referidas. Na sequência, mostramos como esse debate veio a reverberar na economia feminista, uma corrente de pensamento econômico que adquiriu os seus contornos mais definidos no início da década de 1990. Na seção 3, apresentamos um resumo da vida e obra de Harriet Martineau, ressaltando os aspectos do seu trabalho que fizeram referência direta às questões de gênero sensíveis às mulheres suas contemporâneas (ou seja, as mulheres inglesas do século XIX), com o intuito de, na seção 4, fazermos uma síntese de algumas questões particulares de sua vida e obra nas quais o entrelaçamento entre o público e o privado aparecem de forma mais evidente. Nas considerações finais, fazemos um apanhado geral de nossa argumentação.

2. Dois níveis de críticas feministas à dicotomia entre o público e o privado

Segundo a interpretação feminista, os acima mencionados “dualismos hierárquicos” são, por um lado, conceitos fundamentais do pensamento ocidental moderno. Por outro, eles estariam também fundamentalmente ligados a uma ideologia de gênero que avalia tudo aquilo que é relacionado aos homens como superior e/ou melhor do que aquilo que é associado às mulheres.

Alguns filósofos iluministas (nomeadamente Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau, por exemplo) chegaram a defender explicitamente que as mulheres seriam incapazes de fazer uso da razão em função do fato de estarem muito mais próximas da natureza do que eles, “porque estes autores viam a mulher e seu trabalho como ‘parte da natureza’ dentro de uma metafísica que denegriu a natureza” (England, 1993, p. 40). De fato, num nível metafórico, como dito, as distinções entre razão/emoção, mente/corpo, público/privado têm sido mapeadas a partir do dualismo mais básico e fundamental de todos: macho/fêmea, homem/mulher.

De acordo com Scott (1988, p. 42), trazendo as questões de gênero

subjacentes à dicotomia entre o público e o privado na cultura contemporânea para o primeiro plano, a crítica feminista veio a explicitar “uma das maneiras primárias de significar relações de poder”. De acordo com essa perspectiva, as normas de gênero revelam um estado de coisas em que uma parte é colocada em uma posição de vantagem e de poder em relação à outra, sendo que esta situação é apresentada como a “ordem natural das coisas” (Gatens, 1998, p. 5).

A separação da vida privada e doméstica das mulheres em relação ao mundo público dos homens foi constitutiva do liberalismo patriarcal já em suas origens e, desde meados do século XIX, a esposa economicamente dependente tem sido apresentada como o ideal para todas as classes respeitáveis da sociedade (Pateman, 1989, p. 71).

Com efeito, a partir desta cosmovisão dual, antitética e hierarquicamente organizada, quando as pessoas/profissões ou atividades são relacionadas a qualquer uma das categorias, seguem-se consequências diferentes em termos de poder e acesso a recursos. Desta perspectiva, não é por acaso que as atividades tradicionalmente reputadas como “masculinas” são aquelas associadas com as maiores recompensas em termos de *honra*, *poder* e *dinheiro*. Os mecanismos de exclusão são às vezes tão eficazes que a maioria das mulheres estão de certo modo impedidas de entrar em domínios socialmente entendidos como “masculinos”, muito embora uma minoria sempre tenha tentado fazê-lo. Aqui, as economistas feministas propõem que a correção deva ser, por meio de políticas públicas adequadas, estimular a participação das mulheres nestas esferas, em pé de igualdade com os homens (England, 1993; Fernandez, 2019).

Além disso, tem-se ainda um segundo nível de crítica que referimos na introdução, nomeadamente aquela que entende não ser possível analisar a vida cotidiana isoladamente das relações e instituições sociais, mas defende que o âmbito “privado” precisa ser compreendido no seu contexto socioeconômico e político específico (“público”). Na medida em que essa crítica reivindica por assim dizer “politizar o privado”, ela ofereceu um desafio extra à própria noção da “esfera pública” e instigou uma redefinição desse conceito, de modo a incluir dimensões que a teoria dominante até então considerava como completamente não políticas, a exemplo do corpo e da sexualidade, da família e das relações interpessoais, por exemplo (Bargetz,

2009).

Trazendo essa interpretação para a economia, para as economistas feministas o esforço tem sido o de *trazer o domínio da família para dentro do pensamento teórico*, tendo em vista que tanto o “público” quanto o “privado” estariam enraizados na organização da vida social, incluindo aqui a economia. Isto porque, segundo ressaltam, nem o domínio da vida doméstica, pessoal e privada, nem aquele da vida não-doméstica, pública, econômica e política, poderiam ser adequadamente interpretados isolados um do outro.

Surgida de forma mais sistematizada entre fins da década de 1980 e o início da de 1990, o aporte teórico que veio a se tornar conhecido como “economia feminista” busca tornar visível uma série de questões para as quais a economia tradicional tem se mostrado insensível. Defendemos, alhures (Fernandez, 2020), que o objetivo geral dos estudos levados a cabo por esse programa de pesquisa é obter uma compreensão mais profunda acerca da economia *como um todo*. Para tanto, reivindica que precisamos caminhar em direção à outra economia (Carrasco, 2006) que tenha como eixo central a sustentabilidade da vida (Nelson; Power, 2018) e a reprodução social (Nelson, 1993).

A partir desta perspectiva, são pesquisas que analisam, por exemplo, o trabalho de forma mais ampla, levando em consideração os vínculos, as interferências recíprocas e a indissociabilidade existentes entre a produção de mercadorias (esfera pública) e a reprodução de pessoas (esfera privada), entre a produção de bens e serviços realizada no escopo do mercado formal e a produção de bens e serviços realizada fora dele, no interior das residências (Castaño, 1999; Picchio, 1999).

Essa nova proposta de se entender a economia permite ultrapassar tanto o confinamento do trabalho produtivo remunerado à esfera pública quanto o trabalho reprodutivo não remunerado à esfera privada e, assim, tornar visível, por exemplo, todo o montante de trabalho invisível realizado no interior das residências por mulheres. Além disso, ajuda-nos simultaneamente a repensar o próprio conceito de trabalho, de modo a incluir, por exemplo, o trabalho emocional ou de prestação de cuidados habitualmente não remunerado como “trabalho produtivo”, ou seja, que gera riqueza para a sociedade. É exatamente como precursora desta

tradição feminista dentro da economia que defendemos identificar-se a obra da feminista¹ britânica Harriet Martineau (1802-1876), que foi pioneira nesse tipo de abordagem ainda século XIX.

3. A primazia das questões de gênero em Harriet Martineau

Como sói acontecer com grandes nomes na história do pensamento do passado, quer na economia quer na sociologia, como Smith, Marx ou Weber, por exemplo, é difícil categorizar a obra de Martineau a partir de uma única disciplina teórica. Com efeito, ela já foi definida como uma das três primeiras economistas mulheres da história (Abaroa; Reeder, 2007; Bohn: Fernandez, 2022), pioneira da educação científica (econômica) (O'donnell, 1983; Shackleton, 1990; Rostek, 2014) e pioneira da sociologia (Silveirinha; Ferreira, 2019; Alcântara, 2021; Campos; Daflon, 2022).

Nascida em 1802, Harriet Martineau foi a sexta filha de uma numerosa família de oito irmãos formada pelo próspero homem de negócios Thomas Martineau, e sua esposa, Elizabeth Rankin. Seu pai empreendia no ramo da manufatura de tecidos, uma profissão que permitiu à família desfrutar de um confortável padrão de vida até 1829, quando a empresa familiar faliu no contexto da crise econômica que eclodira na Grã-Bretanha em 1825 (Abaroa, 2007).

Martineau recebeu, em casa, excelente instrução formal, em muito superior ao nível de educação que era esperado para as meninas da Inglaterra oitocentista. Paralelamente à sua formação intelectual singular, Martineau atravessou durante a infância e adolescência diversos problemas de saúde, que a levaram a perder progressivamente a capacidade auditiva, tornando-a praticamente surda aos 16 anos de idade.

O acesso a um tipo de educação muito extensa, o que na sua época era praticamente vedado às mulheres, somado aos seus problemas de saúde e a outros infortúnios que vieram a se abater sobre a sua vida durante a

¹ Chamamos aqui atenção para o fato de que se tratava de um feminismo *avant-la-lettre*, no dizer de Silveirinha e Ferreira (2019). Ou seja, é necessário sublinhar o pioneirismo de Martineau ao tratar de questões de gênero numa seara tão “masculina” quanto era (e continua sendo!) a economia no século XIX, antes mesmo do termo “feminismo” ter sido pela primeira vez cunhado na História. Isto porque, segundo indica o *Oxford English Dictionary* foi 1894 o ano da primeira aparição do termo “feminista” e 1895, o do surgimento da palavra “feminismo”.

juventude – nomeadamente as mortes do seu pai, do seu irmão mais velho e do seu noivo durante um curto intervalo de tempo – fizeram com que Martineau passasse a se dedicar cada vez mais aos estudos e a almejar uma carreira profissional. Foi quando decidiu dedicar-se ao estudo da economia, além de ter realizado investigações sociológicas empíricas, pautadas por parâmetros explícitos, conduzidas ainda nas primeiras décadas do século XIX.

Um dos pontos mais importantes que marcou os trabalhos de Martineau foi o fato de ela possuir um olhar muito aguçado para as questões de gênero, o que era bastante incomum na sua época. Com efeito, uma doutrina central do vanguardismo do pensamento feminista de Martineau desde o início de sua carreira como escritora foi a sua defesa da importância da educação para as mulheres. Excertos do seu segundo artigo do periódico “Repositório Mensal”, intitulado *On Female Education*, de 1822, mostram uma firmeza surpreendente tanto em relação à sua pouca idade – visto que na época da publicação ela contava com apenas 20 anos – quanto em relação o período em que escreveu. Neste artigo, ela elaborou um arrazoado das três principais razões para as mulheres da Inglaterra oitocentista não receberem o mesmo tipo de educação que os homens, quais sejam:

A primeira grande objeção que se faz ao esclarecimento da mente feminina é que, se empenhadas na busca do conhecimento, as mulheres negligenciam os seus deveres apropriados e os seus trabalhos específicos. 2º. Que os maiores avanços que a mente feminina pode fazer no conhecimento, devem ainda ficar muito aquém das realizações do outro sexo. 3º. Que a vaidade tão universalmente atribuída ao sexo feminino é susceptível de ser inflada por qualquer grau de proficiência no conhecimento, e que as mulheres se tornariam assim desleixadas em relação à posição subordinada que lhes foi atribuída pela lei, natural e divina (Martineau, 1822: p. 77-81).

A sua crítica era a de que a tese corrente da inferioridade da capacidade intelectual das mulheres em relação à dos homens se baseava justamente na sua falta de treinamento intelectual, nas expectativas da sociedade em relação a elas e nas circunstâncias a que estavam submetidas, e não n’alguma suposta diminuição da sua capacidade cognitiva (Yates, 1985, p. 87). Em 1823, ainda acerca da mesma questão, ela escreveu:

A menina fica provavelmente confinada a objetivos menores, as suas aspirações após o conhecimento são subjugadas, é ensinada a acreditar que informação sólida é imprópria para o seu sexo, quase todo o seu tempo é gasto em realizações menores e, portanto, antes de ela ser sensível aos seus poderes, eles são eliminados do seu crescimento, acorrentados ao significado de objetos e nada mais; e quando surgem as consequências naturais deste modo de tratamento, toda a humanidade concorda que as capacidades das mulheres são inferiores às dos homens (Martineau, 1823, p. 77).

Nos anos subsequentes, a autora viria a escrever e publicar outros trabalhos ainda tratando deste e de outros temas correlatos: publicou dois trabalhos sobre educação básica para mulheres, incluindo uma seção do seu livro de 1848, *Household Education*, que era uma espécie de manual popular para a instrução moral e prática de uma família, e um longo artigo na Revista *Cornhill* (1864) intitulado *Middle-Class Education in England: Girls*. Em ambos os textos ela sustentava que a educação deveria servir para a melhoria das vidas das pessoas, insistindo que as moças deveriam estudar as mesmas matérias que os rapazes, que ambos deveriam ter tempo na escola tanto para estudar quanto para brincar, praticar exercícios físicos e mentais, mas que as meninas também deveriam estudar as artes domésticas (Yates, 1985, p. 87-88). Ela também defendeu o ensino superior para mulheres desde muito cedo em seus escritos e apoiou entusiasticamente o estabelecimento em Londres do *Queen's College* em Hartley Street e do *Ladies' College* (agora Bedford College) em Bedford Square.

No que toca mais especificamente os seus escritos econômicos, em 1832 Martineau começou a publicar *Illustrations of Political Economy*, uma série de 25 novelas baseadas na teoria econômica clássica e trazidas a público mensalmente até o ano de 1834. Martineau teve a ideia de transmitir conceitos econômicos clássicos, ilustrando os principais argumentos de figuras como Adam Smith (1723-1790), David Ricardo (1772-1823), Thomas Malthus (166-1834) e John Stuart Mill (1806-1866) à população por meio de obras literárias.

Influenciada pela obra *Conversations on Political Economy*, de sua antecessora Jane Marcet, publicada em 1818, ela decidiu escrever novelas de fácil compreensão, de maneira que alcançassem um vasto público e divulgassem as teorias econômicas clássicas ao homem e à mulher comuns. Martineau foi a primeira economista a utilizar a ficção como instrumento

para o ensino de conceitos econômicos. Sem dúvida, o principal objetivo dessa obra era, como afirmou Martineau no prefácio do primeiro volume da série, atingir as massas, devido à sua ignorância acerca de assuntos econômicos de grande importância para as suas vidas: “A Economia Política foi estudada menos, talvez, do que qualquer outra ciência, e não por aqueles que mais a necessitam, as multidões” (Martineau, 1834, I: p. 4 citada em O'Donnell, 1983: p. 59). A economista procurou criar no povo um interesse em assuntos econômicos. Sua estratégia era mostrar como poderiam encontrar aplicações e respostas para problemas de suas vidas cotidianas, assuntos que, segundo o seu entendimento, deveriam sair da academia e chegar até aqueles que deles pudessem fazer uso.

Para Martineau, a economia era uma bela ciência que, se pudesse ser ensinada ao grande público de forma didática, seria também apreciada e compreendida pela maioria, pois eram justamente as massas aquela parcela da população mais afetada pelos problemas econômicos. A criação de histórias literárias com conteúdo econômico abriria a imaginação dos homens comuns para a beleza da economia e incutiria nas suas vidas a importância tanto de conhecer as leis econômicas quanto de utilizá-las para seu próprio benefício. Com efeito, Elena Gallego Abaroa, no seu artigo *Harriet Martineau Y La Novela Económica*, afirma:

A novidade que Martineau introduziu foi tirar o monopólio da compreensão da economia política e da sua linguagem da esfera acadêmica, tornando-a acessível a todos os cidadãos. Acreditava que, se eles tomassem consciência do potencial de crescimento do capitalismo britânico do século XIX, colaborariam juntos no esforço comum da produção de riqueza do país, ao mesmo tempo em que se favoreceriam individualmente como beneficiários de rendas decorrentes das suas contribuições para a produção (Abaroa, 2007: p. 257).

Não obstante o intuito declarado de escrever para as massas, segundo Silveirinha e Ferreira (2019, p. 78), essa estratégia foi “especialmente importante, por exemplo, para as mulheres e para as classes operárias, que haviam sido tradicionalmente excluídas do debate científico, mas para quem a ficção era uma forma crescentemente acessível de conhecimento”.

Em que pesasse sua perspectiva vanguardista, Martineau não encontrou problemas para que sua obra fosse lida e reconhecida ainda

enquanto viveu. Muito pelo contrário, longe de ter sido uma economista e autora obscura em seu tempo, Martineau já na sua época foi uma pensadora bastante ativa, uma das figuras centrais no debate público e presença marcante no circuito intelectual londrino. Pouco tempo após a publicação de *Illustrations*, tornou-se um sucesso editorial em toda a Inglaterra. Ainda de acordo com Silveirinha e Ferreira (2019, p. 70):

Em 1832, com 30 anos, publicou uma introdução à nova ciência da Economia Política do século XIX, texto esse que se tornaria muitíssimo popular e que depressa fez dela uma celebridade, proporcionando-lhe a segurança financeira de que necessitava e que considerava essencial uma mulher ter. O sucesso deste seu empreendimento deveu-se sobretudo a ter recorrido a narrativas para discutir conceitos de Economia Política. Deste modo, aproximou conceitos abstratos das realidades concretas da vida das pessoas.

Com efeito, foi a obra *Illustrations of Political Economy* que estabeleceu a fama de Martineau como escritora na Inglaterra (Yates, 1985, p. 205), vendendo “mais livros do que Charles Dickens” (Hoecker-Drysdale, 1992, *apud* Daflon; Sorj, 2021, p. 23). As suas histórias fictícias retratavam situações do mundo real, problemas econômicos e sociais que as pessoas viviam, explicando como poderiam ser resolvidos por meio da aplicação de ideias dos economistas clássicos. Por exemplo, Martineau contrapôs-se à intervenção estatal, criticando as políticas do seu tempo e defendendo o livre mercado. Margaret G. O'Donnell, em seu artigo *Historical Note on the Use of Fiction to Teach Principles of Economics* assegura:

Martineau expôs a posição macroeconômica clássica expressa na Lei de Say e repetiu (com algumas opiniões contrárias) os principais argumentos dessa escola do pensamento econômico. Argumentou que a macroeconomia era inerentemente correta e que o equilíbrio do pleno emprego não só seria possível, como também era uma parte essencial do sistema de livre mercado. Tal como Say, ela admitiu que pudesse haver desequilíbrios de curto prazo, que deveriam ser corrigidos pelas flutuações de preços (O'Donnell, 1989, p. 318).

Os leitores das obras literárias de Martineau puderam receber uma educação básica sobre temas econômicos desconhecidos para o grande público, propiciando que fossem compreendidos graças aos exemplos utilizados. A ampla aceitação das suas obras levou-a a alargar o seu ensino econômico a temas e conceitos cada vez mais complexos.

Nessa direção, a partir de 1833 passou a tratar do tema da pobreza, publicando *Poor Laws and Paupers Illustrated*, uma série de 42 histórias nas quais atacava o Estado e as suas políticas que, segundo Martineau, causavam mais problemas do que aqueles que conseguia resolver. Entre 1833 e 1834 publicou *Illustrations of Taxation*, 31 histórias em que analisava a cobrança de impostos, taxas e os efeitos que estes provocavam na sociedade. Em 1834, 10.000 exemplares das suas obras já haviam sido vendidos, o que garantiu um sucesso editorial incontestável à autora. As pessoas compraram avidamente as suas novelas e histórias e “os leitores que assimilaram todo o seu trabalho sobre economia foram introduzidos na maior parte do conhecimento econômico da época” (O’Donnell, 1989, p. 315).

Entre as décadas de 1850 e 1860, Martineau escreveu mais de uma dúzia de artigos no periódico *Daily News* voltando a tratar de questões de gênero desta vez sobre o trabalho das mulheres. Na maior parte deles ela defendia melhores oportunidades profissionais para as mulheres em geral, bem como a garantia de uma remuneração adequada para elas. Tanto no jornal *Once a Week* quanto no *Daily News* ela condenou veementemente as exigências geralmente terríveis e o ambiente insalubre no qual o trabalho feminino era desempenhado, além de denunciar os baixos salários dos grupos profissionais nos quais conseguiam se inserir o maior número das mulheres empregadas: costureiras [*needlewomen*], empregadas domésticas, governantas, e mulheres agricultoras (Yates, 1985).

A amostra mais completa dos seus pontos de vista sobre o trabalho das mulheres está contida no artigo intitulado *Female Industry*, publicado na revista *Edinburgh Review*, em 1859. Martineau começa *Female Industry* com uma história sucinta da ascensão da classe média e com ela a necessidade de as pessoas “ganharem o seu pão”. Segundo ela, muito embora isso já houvesse sido amplamente reconhecido para o caso dos homens, não menos importante deveria ser angariar o mesmo reconhecimento para o caso das mulheres. Segundo Yates (1985 p. 210), este artigo foi “amplamente lido e muito influente” e “foi frequentemente creditado por ter chocado o público em primeiro lugar com a consciência do problema das ‘mulheres redundantes’, ou seja, as não casadas”. Isto porque, como ressalta Levitan (2008: p. 364), “no início do período vitoriano, o curso de vida ideal para as mulheres de classe média consistia quase que

inteiramente no casamento, na criação de filhos e na gestão doméstica”. Com exceção do casamento, as mulheres na Inglaterra oitocentista não possuíam qualquer outra função socialmente aceita como legítima. Martineau foi uma das raras mulheres de seu tempo a colocarem em evidência essas questões.

4. A dissolução das fronteiras entre o público e do privado em Harriet Martineau

Sem dúvida, segundo a concepção de Martineau, a vida cotidiana do indivíduo não poderia ser separada do seu contexto social, econômico e político específico. Essa perspectiva torna-se bastante explícita em alguns momentos de sua vasta obra. No que toca mais especificamente a dissolução das fronteiras entre as “duas esferas”, ela deixou um registro muito significativo em sua Autobiografia, publicada pela primeira vez em 1877, acerca do modo como a sua vida pública (trabalho) e a sua vida privada (o fato de ter permanecido solteira durante toda a vida) eram na realidade dois âmbitos indissociáveis um do outro:

O meu trabalho e eu fomos ajustados um ao outro, como prova do sucesso do meu trabalho é a minha própria felicidade nele. [...] há muito tempo cheguei à conclusão de que, sem me intrometer no caso das esposas e mães, provavelmente sou a mulher solteira mais feliz da Inglaterra (Martineau, 1877, p. 68).

Além disso, em várias passagens das suas obras ela sempre se mostrava ciente e fazia questão de deixar claro o fato de ser mulher, enfatizando o quando essa condição lhe havia facilitado o acesso à esfera “privada”. Em outras palavras, ser do sexo feminino, por razões óbvias havia franqueado a ela um acesso privilegiado até o interior das residências e da “vida doméstica” que ela considerava indissociável da esfera mais macro, social e econômica (Yates, 1985).

Disseram-me, com frequência, que o fato de eu ser mulher era uma desvantagem Não concordo com isso [...]. Tenho certeza de que vi muito mais da vida doméstica do que seria revelado a qualquer senhor viajando pelo país. O quarto do bebê, o quarto da senhora, a cozinha são excelentes escolas para aprender sobre a moral e os costumes de um povo e sobre as relações públicas e profissionais [...] tanto de homens quanto de mulheres (Martineau, 1837a, p. xi).

Além do hermético mundo da economia e seus impactos sobre a vida do cidadão comum, Martineau também tratou das questões referentes ao espaço doméstico, às mulheres, aos filhos e às famílias. E isso se deu da mesma forma e no mesmo contexto em que investigou e aplicou conhecimento sobre leis econômicas e aspectos sociais, dissolvendo por assim dizer as fronteiras entre o público e o privado, e reconhecendo a interconexão entre ambos os domínios – público e privado, o produtivo e o reprodutivo, o mercado e o lar – tecla na qual as economistas feministas viriam a bater novamente apenas muitos e muitos anos mais tarde, como dito.

Com efeito, em 1838, a autora escreveu um artigo sobre um tema muito caro à economia feminista, porém pouquíssimo conhecido na época, intitulado *Domestic Service*. Nele, exercitando o seu olhar atento para as questões particularmente sensíveis às mulheres com as quais se deparava, Martineau reconheceu que a reprodução econômica da sociedade estava necessariamente ligada à reprodução do ser humano individual, e vice-versa. De fato, o serviço doméstico, a maior ocupação de mulheres até o século XX, sempre foi considerado como uma posição improdutivo do ponto de vista econômico, “quase-familiar” (Davidoff, 2003). Por outro lado, Martineau também identificou o trabalho doméstico “como uma mistura de contrato de trabalho e escravidão”, e que consistia de uma “relação de poder – entre empregada e patroa – que se estabelece no interior de outra relação de poder – entre marido e o mulher” (Daflon; Sorj, 2021: p. 34).

Causa mesmo admiração o fato de uma autora oitocentista ter conseguido expressar de forma tão cristalina como o fez diversos aspectos da sobreposição das camadas de opressão de gênero e classe social – aquilo que hoje em dia denominamos *abordagem interseccional* – que perpassavam as relações trabalhistas das mulheres do século XIX. Este aspecto, juntamente com os demais anteriormente alinhavados, ajudam a delinear a amplitude, a originalidade, o pioneirismo e a riqueza da obra de Martineau, assim como a explicar a dificuldade em categorizá-la (apenas) como economista, socióloga ou divulgadora científica. Também ressaltam as razões pelas quais defendemos que ela também foi pioneira da economia feminista.

5. Considerações Finais

Trazendo para o primeiro plano as dimensões de gênero subjacentes aos dualismos hierárquicos do “paradigma das duas esferas”, as feministas revelaram a distinção público/privado como um mecanismo de poder e de sujeição das mulheres bastante influente na modernidade.

Especificamente em relação ao trabalho de Harriet Martineau, pode-se dizer que foi o seu envolvimento com a questão de gênero nos fenômenos econômicos, especialmente aqueles ligados à defesa da educação feminina e à questão da ampliação do leque de empregos permitidos às mulheres, que a levaram a ocupar um papel pioneiro em termos de reflexão econômica na Inglaterra oitocentista. Além disso, Martineau também criticou o senso comum da época, opondo-se ao “mito da domesticidade”, concepção segundo a qual as mulheres estariam “naturalmente” destinadas (apenas) ao exercício das atividades atinentes à esfera doméstica. Ela argumentou com muita propriedade que essa visão cerceava as oportunidades das mulheres, as prendia em papéis restritivos e ainda servia para reforçar a desigualdade de gênero.

Ademais, Martineau ainda defendeu a necessidade de se reconhecer e valorizar o trabalho doméstico, bem como de proporcionar às mulheres oportunidades de educação e de participação em atividades econômicas mais amplas, equivalentes àquelas que eram oferecidas aos varões. Deste modo, a autora foi além daquilo que outras mulheres economistas de seu tempo conseguiram. Isto porque adentrou inclusive na seara das reivindicações feministas, trazendo um olhar crítico para a economia nascente quando já começavam a se delinear os primeiros indicadores do androcentrismo que viria a marcar as teses econômicas subsequentes, assim como os limites metodológicos da disciplina, que estabeleceram na produção para o mercado (esfera “pública”) o foco da disciplina. Nesse sentido, a partir do vanguardismo dos temas tratados na obra de Martineau, trazer as questões de gênero para o coração da discussão econômica de meados do século XIX equivaliu a, pela primeira vez, transpor as barreiras entre o público e o privado, inaugurando, por assim dizer, a abordagem que a economia feminista viria a defender a partir da última década do século XX.,

Referências

ABAROA, E. **Harriet Martineau y la novela económica**. Universidad de Santiago de Compostela, 2007. Disponível em: https://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b13_gallego_abaroa.pdf

ABAROA, E.; REEDER, J. Las tres primeras mujeres economistas de la historia: Jane Marcet, Harriet Martineau y Millicent Garrett Fawcett. In: DE BLAS, L.P.; ABAROA, E.G. (Coord.) **Mujeres economistas: las aportaciones de las mujeres a la ciencia económica y a su divulgación durante los siglos XIX y XX**. Madri: Ecobook, 2007, p. 17-53. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2602692>

ALCÂNTARA, F. H. Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 3, p. 1-17, 2021. Disponível em:

ALCÂNTARA, F. H. O nascimento da observação social sistemática com Harriet Martineau. **Teoria e Cultura**, v. 17 n. 1, p. 176-190, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/35645>

BARGETZ, B. The Politics of the Everyday: A Feminist Revision of the Public/Private Frame, **IWM Junior Visiting Fellows' Conference Proceedings**, Vol. XXIV, 2009. Disponível em: https://files.iwm.at/jvfc/24_3_Bargetz.pdf

BOHN, L.; FERNANDEZ, B. Jane Marcet e Harriet Martineau: as Pioneiras da Economia Política Clássica e o Uso da Literatura para a Divulgação Científica. In: Fernandez, B. (Org.). **Mulheres na História do Pensamento Econômico**. Florianópolis: Peregrinas, 2022.

CAMPOS, L.; DAFLON, V. Harriet Martineau. In: DAFLON, V.; CAMPOS, L. (org.) **Pioneiras da Sociologia: Mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EDUFF, 2022, p. 75 – 94. Disponível em: http://labgen.uff.br/wp-content/uploads/sites/77/2022/08/PIONEIRAS-DA-SOCIOLOGIA_ebook.pdf

CARRASCO, C. La Economía Feminista: una apuesta por otra economía. In: VARA, M. J. (org.) **Estudios sobre género y economía**. Madrid: Akal, p. 29-62, 2006. Disponível em: <http://www.derechoshumanos.unlp.edu.ar/assets/files/documentos/la-economia-feminista-una-apuesta-por-otra-economia.pdf>

CASTAÑO, C. Economía y género. **Política y Sociedad**, v. 32, p. 23-42, 1999. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO9999330023A/24660>

CORREIA, A. B.; FORTUNA, C. Racionalidade científica: o lugar de Harriet Martineau no âmbito do património teórico e metodológico da sociologia In: **Atas do X Congresso Português de Sociologia**, Covilhã, 2018. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/X_Congresso/Teorias_XAPS-62640.pdf

DAFLON, V.; SORG, B. (org.) **Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. Disponível

em:

https://www.academia.edu/49270894/Cl%C3%A1ssicas_do_pensamento_social_Mulheres_e_feminismos_no_s%C3%A9culo_XIX

DAFLON, Verônica; CAMPOS, Luna. (org.) **Pioneiras da Sociologia: Mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EDUFF, 2022. Disponível em: http://labgen.uff.br/wp-content/uploads/sites/77/2022/08/PIONEIRAS-DA-SOCIOLOGIA_ebook.pdf

DAVIDOFF, L. Gender and the “Great Divide”: Public and Private in British Gender History. **Journal of Women's History**, v. 15, n. 1, 2003, p. 11-27. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236699169_Gender_and_the_Great_Divide_Public_and_Private_in_British_Gender_History

DIMAND, R. **Biographical Dictionary of Women Economists**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2004. Disponível em: <https://www.amazon.com/Biographical-Dictionary-Women-Economists/dp/1852789646>

ENGLAND, P. The separative self: androcentric bias in neoclassical assumptions. In FERBER, M.; NELSON, J. (Ed.) **Beyond economic man: feminist theory and economics**. Chicago: University of Chicago Press, pp. 37-68, 1993. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Beyond-Economic-Man-Feminist-Economics/dp/0226242013>

FERBER, M. NELSON, J. (Ed.). **Feminist economics today. Beyond economic man**. Chicago: University of Chicago Press, 2003. Disponível em: <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/F/bo3621956.html>

FERBER, M.; NELSON, J. **Beyond economic man: feminist theory and economics**. Chicago: University of Chicago Press, 1993. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Beyond-Economic-Man-Feminist-Economics/dp/0226242013>

FERNANDEZ, B. Economia Feminista: um enquadramento teórico-metodológico voltado para a sustentabilidade da vida e a reprodução social. **Revista Textos de Economia**, v. 23, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085/43890>

FERNANDEZ, B. Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem? **Cadernos de Campo** (UNESP), v. 26, p. 79-103, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/12951/8501>

FORGET, E. Harriet Martineau (1802-76). In: DIMAND, R.W.; DIMAND, M.A.; FORGET, E.L. **A Biographical Dictionary of Women Economists**. Cheltenham: Edward Elgar, 2000. Disponível em: <https://www.amazon.com/Biographical-Dictionary-Women-Economists/dp/1852789646>

GATENS, M. Institutions, Embodiment and Sexual Difference. In: GATENS, M.; MACKINNON, A. (Ed.) **Gender and institutions: Welfare, Work and citizenship**. New York: Cambridge University Press, 1998.

HARDING, S. **The science question in feminism**. New York, Ithaca: Cornell University Press, 1986. Disponível em: <https://www.andrew.cmu.edu/course/76-327A/readings/Harding.pdf>

HARDING, S. **Whose science? Whose knowledge? Thinking from women's lives**. New York, Ithaca: Cornell University Press, 1991. <https://www.amazon.com.br/Whose-Science-Knowledge-Friend-Virtue/dp/0801497469>

HELLER, A. **Everyday Life**, London: Routledge, 1984. Disponível em: <https://www.routledge.com/Everyday%20Life/Heller/p/book/9781138927506>
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/39916/27171>

HUMPHREYS, S. C. Public and Private Interests in Classical Athens. **The Classical Journal**, v. 73, n. 2, 1978, p. 97-104. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3296865>

LEVITAN, K. Redundancy, the 'Surplus Woman' Problem, and the British Census, 1851-1861. **Women's History Review** v. 17, n. 3, 2008, p. 359-376. Disponível em: <http://digamoo.free.fr/levitan308.pdf>

MARTINEAU, H. **Autobiography**. With Memorials by Maria Weston Chapman. 3 vols. London: Smith, Elder, and Co., 1877. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780429348211-64/harriet-martineau-autobiography-memorials-maria-weston-chapman-3-vols-london-1877-harriet-martineau>

MARTINEAU, H. Domestic Service, **London and Westminster Review**, 1828, p. 405-432.

MARTINEAU, H. **Illustrations of Political Economy**, Londres, Charles Fox, 1897 [1832]. Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/title/martineau-illustrations-of-political-economy-9-vols>

MARTINEAU, H. On Female Education, **Monthly Repository** 18, 1823, p. 77-81. Disponível em: <https://www.routledgehistoricalresources.com/feminism/sets/nineteenth-century-british-womens-education-1840-1900/volumes/girls-and-womens-education/chapters/on-female-education-monthly-repository-20-1823-pp-77-81>

MARTINEAU, H. **Society in America**, v. 1. Nova York: Saunders and Otley, 1837a. Disponível em: <https://archive.org/details/societyofamerica01martrich/page/n5/mode/%202up?ref=ol&view=theater>

MARTINEAU, H. **Society in America**, v. 2. Nova York: Saunders and Otley, 1837b. Disponível em:

<https://archive.org/details/societyofamerica01martrich/page/n5/mode/2up?ref=ol&view=theater>

NELSON, J. **Feminism, objectivity and Economics**. London and New York: Routledge, 1996. <https://www.amazon.com.br/Feminism-Objectivity-Economics-Julie-Nelson/dp/0415133378>

NELSON, J. The Study of Choice or the Study of Provisioning? Gender and the definition of economics. In: FERBER, M.; NELSON, J. **Beyond economic man: feminist theory and economics**. Chicago: University of Chicago Press, p. 23-36, 1993. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Beyond-Economic-Man-Feminist-Economics/dp/0226242013>

NELSON, J.; POWER, M. Ecology, Sustainability, and Care: Developments in the field. **Feminist Economics**, v. 24, n. 3, p. 80-88, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325937505_Ecology_Sustainability_and_Care_Developments_in_the_Field

O'DONNELL, M. Harriet Martineau: A Popular Early Economics Educator. **Journal of Economic Education**, v. 14, n. 4, 1983, p. 59-64. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1182529>

OKIN, S. Gênero, o Público e o Privado. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, 2008, p. 305 – 332. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200002/8618>

PATEMAN, C. Feminist Critiques of the Public/Private Dichotomy. In: **ibid., The Disorder of Women. Democracy, Feminism and Political Theory**, Cambridge: Polity Press, 1989, p. 55-79. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1844681/mod_resource/content/0/Pateman%2C%20C._Cr%C3%ADticas%20feministas%20%C3%A0%20dicotomia%20p%C3%BAblico-privado.pdf

PERDICES DE BLAS, L. y GALLEGRO ABAROA, E. (Coord.) **Mujeres economistas: las aportaciones de las mujeres a la ciencia económica y a su divulgación durante los siglos XIX y XX**. Madri: Ecobook, 2007. Disponível em: <https://www.mujeresenred.net/spip.php?article1267>

PICCHIO, A. Visibilidade analítica y política del trabajo de reproducción social. In: CARRASCO, C. (Ed) **Mujeres y economía: Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas**. Barcelona: Icaria, p. 201-244, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=1086>

ROSTEK, J. Female Authority and Political Economy: Jane Marcet's and Harriet Martineau's contradictory strategy in disseminating economic knowledge. In: MERGENTHAL, S.; NISCHIK, R.M. **Anglistentag Proceedings**. Dusseldorf: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2014. Disponível em: https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/45690/1/Anglistentag_Proceedings_2013_WVT.pdf

ROSTEK, J. Implementing Feminist Economics for the study of literature: the economic dimensions of Charlotte Brontë's Shirley revisited. **Brontë Studies**, v. 43, n. 1, p. 78-88, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/321894654_Implementing_Feminist_Economics_for_the_Study_of_Literature_The_Economic_Dimensions_of_Charlotte_Bronte's_Shirley_Revisited

ROSTEK, J. **Women's economic thought in the Romantic Age: towards a transdisciplinary herstory of economic thought**. Londres/Nova York: Routledge, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356261475_Joanna_Rostek_Women's_Economic_Thought_in_the_Romantic_Age_Towards_a_Transdisciplinary_Herstory_of_Economic_Thought

SCOTT, J. El problema de la invisibilidad. In. ESCANDÓN, C.R. (Org.) **Gênero e História**. México: Instituto Mora/UAM, 1989.

SCOTT, J. Gender: a useful category of philosophical analysis. In: **Gender and Politics of History**, New York: Columbia University Press, p. 28-50, 1988. Disponível em: <https://genderstudiesgroupdu.files.wordpress.com/2014/07/scott-gender.pdf>

SEIZ, J. Epistemology and the tasks of Feminist Economics. **Feminist Economics**, v. 1, n. 3, p. 110-118, 1995. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/taf/femeco/v1y1995i3p110-118.html>

SHACKLETON, J. R. Jane Marcet and Harriet Martineau: pioneers of economics education. **History of Education**, v. 19, n. 4, p. 283-297, 1990. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ423721>

SILVEIRINHA, M. J.; FERREIRA, V. Harriet Martineau: Socióloga Radical e Feminista Avant-La-Lettre. In GARCIA, J. L; MARTINHO, H. (org.), **Lições de Sociologia Clássica**. Lisboa: Edições 70, 2019, p. 45-77. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39021>

YATES, G. (ed.). **Harriet Martineau on Women**. New Jersey: Rutgers University Press, 1985. Disponível em: <http://tankona.free.fr/martineau1985.pdf>